

Representações sociais do comer entre agricultores do Movimento Camponês Popular

SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE EATING BETWEEN OF FARMERS OF THE POPULAR PEASANT MOVEMENT

RESUMO: Este estudo teve como objetivo identificar as representações sociais do comer entre agricultores do Movimento Camponês Popular. Realizou-se um estudo qualitativo com os produtores e produtoras do movimento camponês, residentes da zona rural do município de Silvânia, Goiás, regional de saúde Estrada de Ferro. Para o levantamento das falas e representações foi realizado um grupo focal in loco com o uso de um roteiro semi-estruturado. Participaram do estudo onze indivíduos, sendo sete mulheres e quatro homens, com faixa etária entre 40 a 65 anos dentre os alimentos produzidos destacam-se o milho, feijão, mandioca, leite, queijo e ovos. Por meio do grupo focal foram identificadas duas categorias de representações sociais sendo eles classificadas em centrais e periféricas, onde uma não coexiste sem a outra. A primeira representação se intitula como o movimento camponês popular e suas conexões com o comer e suas periféricas a possibilidade de escolha na produção de alimentos e conhecimento de práticas agrícolas. Em seguida os sistemas alimentares e suas conexões com o comer e sua periféricas a expulsão dos camponeses do campo, contaminação por agrotóxicos e comida como mercadoria. Conclui-se que o comer gera percepções além do seu aspecto biológico, no estudo foram geradas representações quanto a influência dos movimentos sociais na busca da soberania alimentar relacionados a possibilidade de escolhas quanto a forma de plantar somados aos conhecimentos adquiridos ou resgatados junto ao movimento e representações sobre a perspectiva de modelos de produção pautados no agronegócio que refletem a expulsão dos camponeses do campo e ainda a contaminação do meio ambiente por agrotóxicos.

Palavras-Chave: Agronegócio, Agrotóxicos, Agricultor.



Imagem Adonyi Gábor por PxHere

Ellen de Souza Frões¹
Milena Vieira Porto¹
Ariandeny Furtado²
Ingrid Garcia de Oliveira³

¹ Bacharel em Nutrição pela Faculdade União de Goyazes, Trindade – GO.

² Mestre em Atenção à Saúde, Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Especialista em Gestão da Política de Alimentação e Nutrição. Especialista em Saúde Pública. Nutricionista do Subsistema integrado de Atenção à Saúde d@ Servid@r dos Institutos Federais de Educação de Goiás, SIASS IF Goiano, IFG, Goiânia - GO.

³ Mestre em Nutrição e Saúde. Professora do curso de Nutrição da Faculdade União de Goyazes, Trindade – GO.



Recebido: 09.05.2019 | Aprovado: 09.05.2019

ABSTRACT: *This study aimed to identify the social representations of eating among farmers of the Popular Peasant Movement. A qualitative study was carried out with producers and producers of the peasant movement, residents of the rural area of the municipality of Silvânia, Goiás. A focus group was created on the spot with the use of a semi-structured script. Eleven individuals, seven women and four men, aged between 40 and 65 years of age, among the foods produced, are the corn, beans, cassava, milk, cheese and eggs. Through the focus group two categories of social representations were identified, being classified in central and peripheral, where one does not co-exist without the other. The first representation is called the popular peasant movement and its connections with eating and its peripherals the possibility of choice in food production and knowledge of agricultural practices. Then the food systems and their connections with eating and their peripheries the expulsion of peasants from the countryside, contamination by pesticides and food as merchandise. It is concluded that eating generates perceptions beyond its biological aspect. In the study were generated representations as to the influence of social movements in the search for food sovereignty related to the possibility of choices as to the way of planting. This finding added to the knowledge acquired or rescued along the movement and representations about the perspective of production models based on agribusiness that reflect the expulsion of the peasants from the field and also the contamination of the environment by pesticides.*

Keywords: *Agribusiness, Pesticides, Farmer.*

INTRODUÇÃO

Os sistemas alimentares brasileiros se caracterizou nos últimos anos pela intensificação do agronegócio. No meio rural são notáveis os impactos desse modelo para todas as formas de vida, desde a biodiversidade do planeta até a vida humana. O fortalecimento do latifúndio, as monoculturas, o domínio das empresas transnacionais e o uso excessivo dos agrotóxicos convergem em uma lógica de produtivista em que o alimento, diferente de comida, é mercadoria¹.

Tem-se assim, a tipificação de um modelo de produção de alimentos conhecido por “agronegócio”. O desequilíbrio provocado por esse sistema se manifesta tanto nas formas naturais - fragilização dos biomas, aumento de pragas nas lavouras, contaminação do solo e da água, entre outros, quanto na descaracterização da comida que em determinados contextos é percebida como “segura, adequada e saudável” mesmo tendo origem em modelos de produção agressivos e ameaçadores da saúde humana.²

Nesse modelo de desenvolvimento as pessoas, a natureza e a comida se tornam mercadorias visto que sua principal finalidade é o lucro. Em oposição a essa forma tradicional de plantio nascem os movimentos sociais que pautam a disponibilidade e acesso ao alimento de verdade. Considera-se como comida o alimento que represente a cultura, a sociedade, a história e afeto de um povo. Nesse sentido tem-se os movimentos sociais de luta camponesa e pelo Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA)^{3,4}.

Alguns dos principais movimentos brasileiros de luta camponesa hoje são: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), o Movimento Camponês Popular (MCP), a Comissão Pastoral da Terra (CPT).⁵

Dentre esses o MCP, trás como principais bandeiras o direito à moradia rural, e outros acessos necessários à vida no campo, como saúde, escola e emprego; o resgate, produção, multiplicação e distribuição de sementes crioulas e por fim a produção e alimentos de forma diversificada e agroecológica, reafirmando a busca pela soberania alimentar. O movimento teve início no estado de Goiás no ano de 2008, atualmente está em outros locais do país, Rio Grande do Sul e Tocantins.⁶

Ao pautar modelos alternativos de produção alimentícia, o Movimento aponta para uma conexão entre o alimento e formas sustentáveis de plantio, o que pode refletir em representações do que vem a ser o comer no contexto campesino e no campo da soberania alimentar. Ressalta-se que a discussão sobre o comer à luz dos sistemas alimentares e lutas sociais se distancia do biológico e adentra dimensões políticas, sociais e ideológicas do movimento camponês.⁷

O comer enquanto fenômeno social se constitui de particularidades na relação entre indivíduos/ coletivos e alimentos pois chama a atenção para os aspectos políticos e sociais que envolvem o comer que tornam a alimentação um fenômeno neste campo.⁸

De acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira, comer está além da ingestão de nutrientes, envolve conhecer de onde vem o que se está comendo, práticas envolvidas no processo de produção do alimento, perceber o contexto no qual o alimento está inserido.

O ato do “comer” está imerso nos mais diversos significados, o que gera representações no âmbito cultural até às experiências pessoais. A teoria da representação social busca compreender e analisar o processo em torno da construção de conhecimentos/ significados do senso comum e sua associação aos objetos sociais, que são idealizados a partir da interação social dos sujeitos permitindo então a comunicação e organização de comportamentos⁹.

As representações sociais (RS) segundo Moscovici¹⁰, compreendem pensamentos, sentimentos, emoções, práticas, afetos e cognições, que se encontram em constante mudança a partir do tempo e história.

Nesse sentido podem ser consideradas ainda um soma de informações, crenças, atitudes que um indivíduo ou grupo elabora sobre um objeto, situação, conceito, outros indivíduos ou grupos, assim sendo sua visão subjetiva e social da realidade. Compreende-se que toda representação é construída através da relação sujeito – objeto, não existindo representação sem o objeto. Portanto, entende-se que a construção de uma RS é formada através do processo cognitivo individual, influenciada pelo meio social ao qual o sujeito está inserido e reproduzida a partir da comunicação¹¹.

Nesse contexto o MCP pode ser definido como espaço social, pois é condutor de uma temporalidade dinâmica, sobretudo em constante processo de construção de relações dos que ali vivem, de sonhos, desejos, riscos e por que não sofrimento e desilusões que permeiam no cotidiano. Tais relações criam as representações sociais em seu entorno pois sua história de luta marca uma trajetória nem sempre comum. Aos sujeitos tem-se a oportunidade de uma vida mais digna, um sonho percorre a memória, não somente de um homem ou de uma mulher, mas uma memória coletiva constituída por meio das vivências e (des)construções inerentes aos movimentos sociais.^{12,13}

A luta pela soberania alimentar ocasiona novas experiências fazendo com que os sujeitos estabeleçam e construam novas representações sobre a comida, o que possibilita a ressignifi-

cação entre a relação do homem com a natureza, e ainda, gera outros significados. O agricultor então tem seu olhar para a produção com diferentes cores e sabores originando um novo vínculo com o alimento.¹⁴

Diante da pluralidade do ato de se alimentar, que traz consigo uma carga de simbolismos e significados formados através das representações do indivíduo em sua vivência formando então uma ressignificação do comer, o presente estudo procura refletir sobre as representações sociais do comer entre os agricultores do movimento popular camponês. O objetivo do trabalho foi de compreender as representações sociais do comer entre agricultores e agricultoras do Movimento Popular Camponês.

MATERIAL E MÉTODOS

Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que conforme Minayo¹⁵ está relacionada a infinitos significados, propósitos, crenças, valores e atitudes que representam o espaço mais íntimo das relações, dos processos e dos fenômenos, e que não podem ser limitado à operacionalização de variáveis.

População alvo e local de estudo

O estudo foi realizado com produtores e produtoras do Movimento Camponês Popular, residentes da zona rural do município de Silvânia, Goiás, regional de saúde Estrada de Ferro.

Como critérios de inclusão considerou-se trabalhadores e trabalhadoras rurais que se dedicam ao cultivo e produção de diferentes variedades de alimentos. E que aceitaram participação na pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ou declarando o consentimento gravado. Nenhum participante foi excluído da pesquisa. Dentre os onze integrantes da pesquisa, oito deles assinaram o TCLE e três declaram consentimento por meio da gravação de áudio.

Coleta de dados

O levantamento das falas e representações ocorreram por meio da realização de um grupo focal *in loco*. O local escolhido foi a Associação do Movimento Camponês Popular, pelo fácil acesso aos produtores e infraestrutura favorável à realização do grupo.

O grupo focal ocorreu em formato de roda de conversa e com o auxílio de um roteiro semi-estruturado. O grupo foi dirigido por uma moderadora pesquisadora, que conduziu as discussões, e duas observadoras também pesquisadoras do presente estudo.

O momento foi dividido em três etapas:

- Acolhida (dinâmica de apresentação com vistas a criação do vínculo entre os participantes);
- Exposição de imagens relacionadas com a ideologia do movimento: gatilho para proposição de opiniões, percepções, falas e diálogos.
- Concomitante a apresentação das imagens os participantes foram encorajados a expres-

sar o que aquelas figuras representavam, quais os sentimento e opiniões referentes às imagens e o que tinham a dizer sobre o que estavam vendo nas figuras.

- No terceiro momento deu-se continuidade às discussões por meio de questões direcionadoras.

O grupo focal teve duração total de 57 minutos, com a participação ativa de todos os componentes.

Todas as falas foram gravadas sob consentimento dos participantes da pesquisa e o seu conteúdo foi posteriormente transcrito e analisado.

Análise dos dados

O referencial teórico metodológico utilizado para análise das falas foi a Teoria das Representações Sociais de Moscovici¹⁰ que busca compreender a construção da representação social através da relação sujeito –objeto e a análise de conteúdo por Bardin¹⁶, no qual a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Considerou-se para o estudo a relação sujeito (agricultores) – objetos sociais (comida), construída na vivência inserida em um grupo social. Foram feitas as leituras das transcrições do grupo focal e posteriormente separação das mesmas em eixos temáticos. Buscou-se encontrar temas comuns e discordantes, utilizando-se como critérios exaustividade e saturação de falas aplicando análise de conteúdo.

Em seguida, de acordo com a Teoria das Representações Sociais as falas foram analisadas e divididas em Representações Centrais e Representações Periféricas, em que o primeiro pode ser definido como componente principal da representação pois através dele as mesmas revelam seus significados e organização. Em continuidade, classificados como sub-núcleos as Representações Periféricas que concretizam, regulam, prescrevem e preservam os comportamentos, individualizam as representações, enquanto protegem e estão ligadas diretamente ao núcleo central (Representações Centrais). Assim originaram-se duas categorias de representações centrais e suas respectivas representações periféricas:

Representação central 1: O movimento camponês popular e suas conexões com o comer.
Representações periféricas:

- Possibilidade de escolha na produção de alimentos
- Conhecimentos agrícolas

Representação central 2: Os sistemas alimentares e suas associações com o comer. Representações periféricas:

- Expulsão dos camponeses do campo
- Contaminação por agrotóxicos
- Comida como mercadoria

Aspectos éticos

Os aspectos éticos da presente pesquisa estiveram em concordância com a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes inicialmente informados em uma linguagem clara e objetiva, sobre a proposta do estudo, objetivos, metodologia, possíveis riscos, bem como as vantagens decorrentes pela participação na pesquisa, sendo permitido a desistência de participação a qualquer momento da pesquisa. Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética da faculdade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população de estudo foi composta por onze indivíduos, sendo sete mulheres e quatro homens, com faixa etária entre 40 a 65 anos. Dentre os alimentos produzidos destacam-se o milho, feijão, mandioca, leite, queijo e ovos.

A partir das análises dos dados levantados, foram encontradas as seguintes representações centrais: O movimento camponês popular e suas conexões com as representações do comer e Os Sistemas Alimentares e suas associações com o comer dentro delas foram encontradas representações periféricas, as quais serão discutidas a seguir.

O Movimento Camponês Popular e suas conexões com o comer

As discussões levantadas durante a pesquisa apontaram conexões entre a trajetória dos produtores dentro do movimento e suas representações sobre o comer. Foi relatado que inicialmente a aproximação com o MCP partiu da luta pelas moradias em suas terras, contudo, a entrada e trajetória no movimento possibilitou novas representações entre os agricultores (sujeito) e comer (objeto).

Essas conexões foram constatadas por meio das falas que relacionaram o fato dos produtores estarem no movimento e as possibilidades de escolha quanto ao que plantar e como plantar; e também os novos conhecimentos técnicos adquiridos e outros resgatados de tempos passados. O depoimento abaixo ilustra essas constatações:

“Nois tem o direito de plantar o que nois quer”

“É uma escolha, eu posso escolhe qual alimento que eu quero”

Nesse sentido, sobre as possibilidades de escolha no cultivo dos alimentos, faz-se uma associação entre as representações do comer ligadas e o conceito de Soberania Alimentar. Soberania essa que foi caracterizada pelo grupo como a capacidade e possibilidade de fazer escolhas ao plantar e ao comer. Houve ainda associações entre o direito à alimentação e as escolhas sobre a forma de produção (o como plantar), onde plantar e o que fazer com esse alimento.

Em um estudo de 2009, Fernandes¹⁷ tem o propósito de identificar e avaliar os principais elementos que delimitam a soberania alimentar caracterizando a mesma como uma ideologia

com princípios justos, capazes de reconectar alimento, natureza e comunidade recuperando ao agricultor seu poder de produção garantindo então autonomia aos camponeses .Por meio das discussões em grupo foi visto que ao adentrar o movimento tiveram a possibilidade de recuperar sua emancipação para produção pois tiveram acesso a terra e sementes crioulas .

Feliciano e Pereira¹⁸ em pesquisa sobre as manifestações dos movimentos socioterritoriais do campo no Brasil relacionaram a função promotora dos movimentos sociais camponeses com a soberania alimentar, apontando que as estratégias e lutas adotadas por esse movimento promovem a mobilização, organização e fortalecimento dos agricultores por pautarem a Soberania Alimentar como bandeira de luta e efetivação de direitos , associando então com as falas do camponeses , movimento possibilitou a efetivação de seus direitos como a aquisição da moradia ,da terra e decorrente a isso o Direito Humano a Alimentação Adequada por meio da autonomia de seus modos de plantio .

Outra categoria de análise identificada foi as representações do comer associadas ao conhecimento que os produtores adquirem mediante o movimento. O grupo relata que a entrada no MCP possibilitou acesso à conhecimentos sobre técnicas sustentáveis de plantio, como a utilização de biofertilizantes, aplicação de compostos naturais para o controle de insetos nas plantações dentre outros.

“A gente que vive na roça tem experiência, mais formação e conhecimento é bom! ”

“Através dos programa das palestras a gente vai aprendendo a alimentar, com oconhecimento.”

“[...] o MCP falou que era pra construção da casa, eu vim nesse intuito mas depois conheci tanta coisa, me apaixonei pelo adubo verde [...]”

“[...] Ah e tem muitos tipos de inseticida que combate sem envenenar a horta, uma vez nois aprendeu com a folha do angioc, timbosa [...]”

“[...] aprendi sobre a urina de vinagre, nossa a urina de vaca de dez veis melhor que tudo[...].”

De acordo com Fernandes¹⁷ por meio dos movimentos sociais os camponeses passam por um processo de se conhecer e reconhecer-se no outro, reflete sobre sua realidade, acumula conscientização sobre o seu meio, e amplia seus questionamentos e saberes, o que gera a possibilidade de ações práticas refletidas no modo de vida, tais apontamentos corroboram aos achados do presente estudo:

“[...] nois que é pequeno eles só vê nois em grupo, se um pequeno ficar isolado ficasozinho.”

“Tô plantando tudo, faz um ano já estou comendo minhas próprias verduras, tem porco, galinha o movimento valeu muito por que se não tivesse vindo não tinha o que eu tenho agora.”

Nesse contexto foi proferido ainda sobre o resgate de práticas esquecidas, como o contato e plantio com sementes crioulas:

“Tô produzindo a semente crioula, no tempo do meu pai plantava aí veio as tecnologia e parou tudo, mas agora ta voltando a antiguidade.”

Através das representações encontradas foi visto o impacto que movimentos sociais do campo, como o MCP tem com o comer onde mesmo interfere nas percepções dos agricultores agregando conhecimentos que antes esquecidos são resgatados, como as sementes crioulas citadas pelos agricultores o mesmo ocorre com a autonomia gerada através da entrada ao movimento, com a conquista de direitos como aquisição da moradia, terra que proporcionam o empoderamento dos produtores sobre seu meio de produção que consequentemente possibilita a Soberania alimentar que é reconhecida por eles (agricultores) como o direito de fazer escolhas.

Os sistemas alimentares e suas associações com o comer

Por meio das discussões geradas no grupo foi possível o levantamento de representações do comer discutidas à luz dos sistemas alimentares. Nessa perspectiva foram abordadas pelo grupo reflexões sobre o modelo de produção de alimentos com base no agronegócio, e como ele afeta seu modo de alimentar.

Para os camponeses participantes da pesquisa, o agronegócio representa indiretamente a expulsão dos pequenos produtores de seus territórios (o campo) para a cidade, uma vez que a utilização de agrotóxicos, ocasiona a destruição do ambiente em que vivem, e além disso, afetam suas plantações ao contaminar o solo, o ar, a água e os alimentos que cultivam. O que pode ser observado no relato:

“Olhando daqui oh era tudo verde, tudo mato, agora destruiu tudo só soja”.

Camacho¹⁹, observou que o agronegócio impulsionado pelas grandes empresas multinacionais do sistema de produção agrícola, contribuiu para a expropriação do camponês do campo devido a funcionalidade de seu sistema agroalimentar, onde a concentração de terra e renda e a exploração do ser humano e da natureza são a base para o seu exercício.

Outros estudos têm investigado a toxicidade dos agrotóxicos e seus efeitos na fisiologia e reprodução dos organismos vivos, além do impacto em processos básicos do ecossistema, como a respiração do solo, perda de nutrientes, mortalidade de peixes e aves²⁰. O impacto dos agrotóxicos está entre as representações levantadas pelo grupo como mostram os seguintes relatos:

“E ele vai pra tudo né, cai na água e água vai pro povo e vai adoecendo [...]”.

“Agrotóxico além de intoxicar eles, ta batendo de lá ai da um ventinho chega tudo aqui, num e só aqui e em todo lugar e como se diz, eles tão acabano com tudo”.

“Na hora que eles batem os veneno, os bichinho vem pra cá, até as planta destrói.”

Os camponeses do MCP quando questionados sobre o modelo dos sistemas alimentares vigentes refletem que o mesmo trata o alimento como mercadoria, não se importando com os impactos que sua forma de produzir geram ambientalmente e socialmente. Essa representação é vista no seguinte relato:

“Eles só pensam em renda é só renda pra eles!”

“[...]nois os pequeno quer só conscientizar de comer sem o agrotóxico e plantar, nois ia comer bem né e vive bem!”

Gonçalves e Alentejan²¹ discutem o papel do alimento como mercadoria no modelo atual do agronegócio. O estudo aponta que no ano de 2007 mais de 50% da produção mundial de grãos foi destinada ao consumo animal e para a produção de combustíveis. Com isso nota-se a contradição em torno do intuito da produção de alimentos que inicialmente era para alimentar as populações, mas seu real intuito na verdade sempre foi o faturamento.

Em um estudo de Zuin e Amaral²² onde relatam o risco do agronegócio para o direito alimentar é visto que apesar da mensagem difundida sobre o mesmo, o país ainda tem grandes índices de segurança alimentar justamente pelo alimento ter se transformado em mercadoria, dessa forma é visto que o agronegócio tem pontos positivos apenas para o setor econômico pois além de promover o desgaste e destruição da natureza contribuem para a insegurança alimentar.

As representações geradas através dos sistemas alimentares são referentes a influência do agronegócio e suas práticas agrícolas e as formas as quais as mesmas influenciam na vida dos agricultores do MCP. Assim é visto que o agronegócio favorece o abandono ao campo pois suas condutas agrícolas não sustentáveis como o uso de agrotóxicos, desmatamento, poluição geram ao pequeno produtor desgosto e desesperança de uma vida no campo.

CONCLUSÃO

Através desse estudo fica evidente que representações do comer geradas pelo agricultores e agricultoras acompanham os processos de vivência, sociabilidade e junção com o MCP. As percepções do comer, geraram representações em que a comida não está relacionada apenas a processos biológicos ou fisiológicos, mas transcende à contextos sobre a forma como os alimentos são produzidos.

Foram geradas representações quanto a influência dos movimentos sociais na busca da soberania alimentar. Nesse sentido as possibilidade de escolha quanto a forma de plantar somado aos conhecimentos adquiridos ou resgatados junto ao movimento.

Foi identificado percepções do comer na perspectiva de modelos de produção pautados no agronegócio, o qual é representa a exclusão dos camponeses do campo e ainda a contaminação do meio ambiente por agrotóxicos.

A alimentação Adequada e Saudável é um direito garantido a todos e a todas, envolve vários aspectos não somente o nutricional. Na presente pesquisa realizou-se a abordagem das Representações Sociais pois essas possibilitam o resgate de saberes de um grupo social protagonista na luta pela uma alimentação realizada de forma justa e que deve ser reconhecida pela sociedade.

Assim além do estudo contribuir para o meio acadêmico devido a ausência de temas relacionados, evidência e dá visibilidade para produção de conhecimento científico e popular que surge do povo.

REFERÊNCIAS

1. Silva DL. Do Latifúndio ao agronegócio: os adversários do MST no jornal sem-terra. 2013 . Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
2. Carneiro F. et al. Dossiê ABRASCO um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Fiocruz, 2015.
3. Contreras J, Gracia M. Alimentação sociedade e cultura:1.ed.Rio de Janeiro: Editora Fiocruz,2015.
4. Feliciano CA. O movimento camponês rebelde e a geografia da reforma agraria .2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo.
5. Ribeiro M. Trabalho e Educação no movimento camponês :Liberdade ou emancipação? Revista Brasileira de Educação 2009;14(42).
6. Alves SP, Costa CL. Resistir na terra :A luta pela moradia camponesa no movimento camponês popular. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia, 2012.
7. Mazur et al, Terapia Nutricional Enteral Domiciliar: interface entre direito humano à alimentação adequada e segurança alimentar e nutricional. Curitiba, 2014.
8. Ross D. A disputa pelo território: agricultura camponesa versus agronegócio nos assentamentos do centro-sul paranaense XXII Jornada do Trabalho. São Paulo 2012.
9. Oliveira F, Werba GC. Representações sociais. In M.G.C. Jacques, M.N. Strey, & M.G. Bernades. Psicologia Social Contemporânea 2002; 6ª ed:104 – 117. Petrópolis: Vozes.
10. Moscovici S. Representações Sociais: investigações em psicologia social. 2ª ed. Petrópolis/RJ:Vozes.2004 p.404.
11. Abric JC. A abordagem estrutural das representações sociais. In A.S. Moreira, & D. C. Oliveira. Estudos interdisciplinares de representação social. 2000. 2ª ed, p. 27-38. Goiânia: AB.
12. Farias MFL. Assentamento Sul Bonito: as incertezas da Travessia na Luta pela Terra. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista. Araraquara.
13. Souza LC. A importância dos movimentos sociais na luta pelos direitos das mulheres a partir da incorporação dos direitos humanos. Revista de Gênero, Sexualidade e Direito 2016;2:95-112.
14. Silva M, Souza J. Representações Sociais da Reforma Agrária. Rio Claro, 2012.
15. Minayo MCS. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
16. Bardin L. Análise de Conteúdo, Edições 70. Lisboa, 1978, 225p.
17. Fernandes BM. A modernidade no campo e a luta dos sem-terra. Revista Cultura Vozes – Petrópolis: Vozes 1996;1.

18. Feliciano CA, Pereira DV. Pelas ruas, campos, cidades e avenidas: ações e manifestações dos movimentos socioterritoriais do campo no Brasil (2000-2011). In.: Vinha JFSC (et al.). DATALUTA: questão agrária e coletivo de pensamento. São Paulo: Outras Expressões, 2014.
19. Camacho R. A Barbárie moderna do agronegócio versus a agricultura camponesa: Implicações sociais e ambientais. São Paulo, 2012.
20. IBAMA. Produtos agrotóxicos e afins comercializados em 2009 no Brasil. 2009. Disponível em:http://www.ibama.gov.br/qualidade-ambiental/wp-content/files/Produtos_Agrotoxicos_Comercializados_Brasil_2009.pdf>.. Acesso em 06 de dezembro 2018.
21. Gonçalves CWP, Alentejano P. Geografia Agrária da Crise dos Alimentos no Brasil. Encontro Latino Americano, 2008.
22. Zuin ALA, Amaral JLMG. Direito alimentar e risco na sociedade moderna: a Amazônia e o agrotóxico, Rev. Direito e Práx, Rio de Janeiro 2018;9(1):417-442.